

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

LUIS EDUARDO ALVES DIAS

**“OH, DEUS! SALVE O ORATÓRIO”: LAÇOS INTERPESSOAIS
ENTRE OS FIÉIS DA PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO.**

CURITIBA

2018

LUIS EDUARDO ALVES DIAS

**“OH, DEUS! SALVE O ORATÓRIO”: LAÇOS INTERPESSOAIS
ENTRE OS FIÉIS DA PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Irene Jurkevics

CURITIBA

2018

*À Julia, que me apresentou ao movimento
das capelinhas na Comunidade São
Paulo Apóstolo.*

Correndo o risco de alguns esquecimentos, recupero, aqui, alguns nomes que foram muito importantes para a concretização deste trabalho.

Inicialmente, agradeço aos todos os professores do Curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná que, durante estes anos, proporcionaram momentos, debates e conversas inesquecíveis. Agradeço, em especial, ao professor Pedro Valandro que sempre esteve disposto a me auxiliar naquilo que eu precisasse, demonstrando ser um grande amigo durante esta caminhada.

À minha orientadora, professora Vera Irene Jurkevics, agradeço a todo apoio e paciência. Suas palavras e orientações me fizeram amadurecer durante esse processo de escrita. Sem você, a realização deste trabalho não seria possível.

À minha família, pelo apoio e incentivo, deixo meus eternos agradecimentos. Sem vocês, a realização deste sonho, também, não seria possível.

Agradeço, também, a toda a comunidade da Paróquia São Paulo Apóstolo, em especial à Antonia Bastos, Sonia Martin e Sonia Ramos, que, a partir de suas entrevistas, possibilitaram que as questões deste trabalho fossem solucionadas.

Aos meus colegas e amigos que me auxiliaram durante este percurso, meu muito obrigado. Entre eles, meus agradecimentos especiais vão à: Beatriz, por me ajudar em muitos momentos da escrita, realizando indicações de leitura muito pertinentes para o trabalho; e ao Felipe, pelas conversas sobre nossos temas de estudo e apontamentos realizados.

Por fim, a Julia, a quem dedico este trabalho e agradeço pela enorme paciência que teve comigo durante esta escrita. Nossas conversas sobre a monografia foram muito importantes e contribuíram, de forma muito significativa, para a escrita da mesma. Agradeço, também, por estar ao meu lado durante todo este percurso, me dando total apoio a tudo que necessitasse, compartilhando momentos e histórias comigo.

*Ó Deus salve o oratório
Onde Deus fez a morada
Oiá, meu Deus, onde Deus fez a morada, oiá
Onde mora o calix bento
Onde mora o calix bento
E a hóstia consagrada
Óiá, meu Deus, e a hóstia consagrada, oiá*

*De Jessé nasceu a vara
De Jessé nasceu a vara
E da vara nasceu a flor
Oiá, meu Deus, da vara nasceu a flor, oiá
E da flor nasceu Maria
E da flor nasceu Maria
De Maria o Salvador
Oiá, meu Deus, de Maria o Salvador, oiá*

(Tavinho Moura)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo alguns aspectos da religiosidade popular. Dentre muitas manifestações e objetos de religiosidade popular, uma das que se sobressaem são as capelinhas – também conhecidas como oratórios -, que, há muito tempo, percorrem os lares de muitos fiéis na comunidade da Paróquia São Paulo Apóstolo, como parte de um fenômeno maior que é o marianismo no interior da Igreja Católica. De forma específica, nesse trabalho procura-se responder que forma a visita das capelinhas cria laços interpessoais entre a comunidade de fiéis da Paróquia São Paulo Apóstolo? Para se responder a esse questionamento, buscou-se entender o papel do marianismo – movimento das capelinhas – como uma de suas formas de expressão e por fim, a construção dos laços interpessoais na Comunidade da Paróquia São Paulo Apóstolo. Para que este questionamento seja respondido, entrevistas orais foram realizadas de modo a compreender a perpetuação deste fenômeno de longa duração, bem como analisar a atual efetividade das capelinhas no cotidiano das pessoas. Como metodologia para este projeto, os apontamentos de Henry Rousso e de Paul Thompson se farão presentes no que se diz respeito a estruturação e a realização das entrevistas orais. Para o quadro teórico, as ideias de circularidade cultural, debatidas por Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg, serão utilizadas de modo a compreender a circulação das capelinhas entre a ortodoxia e as práticas de caráter mais popular.

Palavras-Chave: Capelinhas, Religiosidade Popular, História Oral.

ABSTRACT

The present research has as object of study some aspects of popular religiosity. Among many manifestations and objects of popular religiosity, one of the highlights is the chapels - also known as oratories - that have long been roaming the homes of many faithful in the community of the Parish of São Paulo Apóstolo, as part of a larger phenomenon, the Marianism within the Catholic Church. Specifically, in this work we try to answer how the visit of the chapels creates interpersonal connections in the community of faithful of the Parish São Paulo Apostolo? To answer this question, we sought to understand the importance of Marianism - movement of the chapels - as one of the forms of expression and, finally, the construction of interpersonal connections in the Community of the Parish of São Paulo Apóstolo. For this questioning to be answered, oral interviews were conducted to understand the perpetuation of this phenomenon, as well as to analyse the current effectiveness of the chapels in people's daily lives. As a methodology for this project, the appointments of Henry Rousso and Paul Thompson will be present regarding the structuring and conducting of oral interviews. For the theoretical part, the ideas of cultural circularity, debated by Mikhail Bakhtin and Carlo Ginzburg, will be used to understand the circulation of the chapels between orthodoxy and the most popular practices.

Keywords: Chapels, Popular Religiosity, Oral History.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ORATÓRIO ERMIDA.....	20
FIGURA 2 – ORATÓRIO DE ALCOVA.....	20
FIGURA 3 – ORATÓRIO DE VIAGEM.....	20
FIGURA 4 – ORATÓRIO LAPINHA OU ESTILO SÃO JOSÉ.....	20
FIGURA 5 – ORATÓRIO MAQUINETA OU DE CONVENTO.....	20
FIGURA 6 – ORATÓRIO ESMOELER	21
FIGURA 7 – ORATÓRIO ERUDITO OU DE REFERÊNCIA ARTÍSTICA.....	21
FIGURA 8 – ORATÓRIO AFRO-BRASILEIRO.....	21
FIGURA 9 – ORATÓRIO POPULAR DOMÉSTICO.....	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. “A FÉ CORRE O RISCO DE SAIR DA IGREJA”: A CAPELINHA COMO MANIFESTAÇÃO DE RELIGIOSIDADE POPULAR.....	12
1.1 CURITIBA: O CONTEXTO DE FUNDAÇÃO DA ARQUIDIOCESE.....	12
1.2 A RELIGIOSIDADE POPULAR E AS CAPELINHAS: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO.....	16
2 “A FÉ TA NA MULHER”: A FÉ EM MARIA ATRAVÉS DAS CAPELINHAS.....	23
2.1 MANUAL DO MOVIMENTO DAS CAPELINHAS: AS DIRETRIZES.....	23
2.2 A CAPELINHA NA COMUNIDADE.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
FONTES.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXOS.....	45

INTRODUÇÃO

No mundo atual, há uma pluralidade de manifestações religiosas de diferentes naturezas e rituais, por isso, a fé de muitos fiéis não é manifestada por meios apenas institucionais, mas por caminhos paralelos às ortodoxias, isto é, de caráter mais popular. A religiosidade popular é um campo que possibilita muitas e diferentes leituras, pois, em uma mesma religião, pode-se ter diferenciadas maneiras de entrar em contato com o sagrado. Uma dessas, manifestações de religiosidade popular católica, são as capelinhas.

Objetos de intenso sentimento religioso, as capelinhas, ou oratórios, possuem longa história no Brasil. Meio de evangelização, o oratório serve, até os dias atuais, como uma maneira da Igreja se fazer presente nas residências das pessoas, auxiliando, assim, nas tarefas religiosas de determinada comunidade.

Como enfoque principal para esta pesquisa, a capelinha que será evidenciada é a de cunho popular doméstico, ou seja, aquelas que podem ser encontradas aconchego doméstico ainda ou, também, em circulação em uma determinada comunidade ou diocese.

Sobre esse tipo de capelinha, o jesuíta Juan Baptista Ferreres ressaltou que, o oratório é um objeto

[...] relativamente pequeno, dedicado à oração e ao culto de Deus. Neste sentido [...] qualquer pessoa pode ter em sua casa um oratório, destinando para ele um local apropriado; resguardando em seu interior: quadros, estátuas, etc. em que se possa meditar, rezar o santo rosário, fazer alguma novena, etc., individualmente ou com toda a família [...] (1916, p. 9-11, *apud* RUSSO, 2010, p.37)

A escolha deste tema surgiu a partir de anseios de entender algumas práticas de religiosidade popular. “Investigamos temas que estão mobilizando processos internos, investigamo-nos.” (DIOGENES, 1998, p.14) Na procura de possíveis temas para estudo, uma prática devocional popular chamou a atenção: o movimento das capelinhas.

Esta prática despertou a atenção a partir da intrínseca relação que os fiéis têm com o oratório, tornando-o um objeto de devoção comum nas paróquias da Arquidiocese de Curitiba. No caso desta pesquisa, a paróquia a ser estudada é a Paróquia São Paulo Apóstolo, localizado no bairro Uberaba, em Curitiba. Essa

escolha se deu pelo acesso a documentos de circulação interna da paróquia, bem como da própria Arquidiocese.

Portanto, partindo desses aspectos, a proposta desta pesquisa é buscar responder ao seguinte questionamento: de que forma o trânsito das capelinhas entre os fiéis auxilia na criação de laços interpessoais na comunidade da Paróquia São Paulo Apóstolo? Para que isso seja possível, a pesquisa possui como objetivo geral buscar compreender a história das capelinhas no Brasil e analisar como este fenômeno, de longa duração, revigora práticas marianas antigas e fortalece uma rede de solidariedade e fraternidade nos paroquianos São Paulo Apóstolo.

A metodologia utilizada para esta pesquisa é a da história oral. Este método caracteriza-se “[...] como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela.” (ALVES, 2016, p.3) A escolha dessa metodologia é de suma importância para o objeto em estudo, pois, além de enriquecer o trabalho da pesquisa, valorizam os ‘atores-sociais’ como indivíduos sujeitos-agentes de sua própria história. (XAVIER, 2009) Nessa perspectiva, as entrevistas são as principais formas de recolher os relatos dos entrevistados.

Para as entrevistas, foram selecionadas um total de três pessoas que possuem vínculos com o movimento das capelinhas. Os nomes verídicos e os fatos declarados foram deixados na íntegra, pois não expõem nenhuma particularidade dos entrevistados.

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre o entrevistador e o entrevistado, na qual se têm o objetivo de recolher, por meio de questionamentos, dados que ajudem a responder à questão principal do trabalho. (CERVO, 2002) As metodologias apresentadas por Paul Thompson e Henry Rousso, utilizadas para estruturar e colher os depoimentos, apontam para um único caminho que, de acordo com Rousso

[...] Um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado, e da sua experiência, [...] quer seja interrogado por um historiador [...] não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo o que possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade. (2002, p. 98)

É importante ressaltar que, além das entrevistas, será analisado, também, um manual de circulação interna da Arquidiocese de Curitiba publicado no ano de 2014

denominado *Movimento das Capelinhas*: diretrizes. A partir desta fonte e de outras leituras serão abordadas algumas questões referentes ao uso dos oratórios.

No quadro teórico desta pesquisa, a ideia de circularidade cultural, defendida Carlo Ginzburg em seu livro *O Queijo e os Vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição será utilizada para entender como ocorre o “[...] influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” (1998, p. 13) dentro da comunidade da Paróquia São Paulo Apóstolo.

O primeiro capítulo trará, inicialmente, um resgate histórico sobre a cidade de Curitiba nos preâmbulos da institucionalização da diocese de Curitiba, a Arquidiocese de Curitiba e a Paróquia São Paulo Apóstolo. Logo após, será realizado, em um primeiro momento, um debate historiográfico acerca da religiosidade popular e, em seguida, os oratórios serão evidenciados.

No segundo capítulo serão analisadas as fontes desta pesquisa: as três entrevistas e o manual do Movimento das Capelinhas. Primeiramente, será realizada uma breve abordagem sobre o movimento marianista, que objetiva localizar o movimento das capelinhas como uma das expressões devocionais à Virgem Maria. Em seguida, a história do movimento das capelinhas será evidenciada a partir dos dados coletados no livreto, que também orienta os fiéis no procedimento de recebimento e entrega dos oratórios, que deve seguir o planejamento estabelecido anteriormente. Por fim, as entrevistas orais serão utilizadas para responder à problemática central da pesquisa e, também, buscar entender que sentimentos as capelinhas produzem nas pessoas.

1. “A FÉ CORRE O RISCO DE SAIR DA IGREJA¹”: A CAPELINHA COMO MANIFESTAÇÕES DE RELIGIOSIDADE POPULAR

1.1 CURITIBA: O CONTEXTO DE FUNDAÇÃO DA ARQUIDIOCESE

Com a emancipação política do Paraná em 1854 e, com um crescente incentivo governamental a colonização, na segunda metade do século XIX, dois acontecimentos transformaram, significativamente, a cidade de Curitiba: a construção da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá e a chegada em massa de imigrantes europeus ao Brasil.

A construção da ferrovia se iniciou no ano de 1875 quando “[...] Dom Pedro II assinou um decreto autorizando a construção da ferrovia, e o início deu-se cinco anos depois.” (SEGALLA, *et AL*, 2004, p.114) A estrada de ferro teve sua construção concluída no ano de 1885.

A construção desta obra ferroviária se deu, entre outros aspectos, como uma das alternativas para acelerar o transporte da erva-mate, considerada, no século XIX, como uma das principais atividades econômicas do Paraná. O porto de Paranaguá era o principal destino da produção e a construção desta ferrovia teve um papel importantíssimo no escoamento da produção.

Outro aspecto que mudou os contornos da cidade é a imigração europeia. No final do século XIX, o Paraná, bem como demais províncias brasileiras, estavam envoltos em uma crise que circundava a produção de produtos indispensável a subsistência humana. (BUENO, 1996, p.9) Ainda sobre este aspecto, Wilma de Lara Bueno ressaltou que

Em busca de mão-de-obra para as lavouras, as autoridades brasileiras promoveram na Europa uma intensa propaganda sobre a fertilidade das terras brasileiras. [...] Com o intuito de promover vinda dos europeus para o trabalho agrícola nas terras brasileiras, as companhias de imigração divulgavam as vantagens oferecidas pelo sistema de imigração brasileiro. (1996, p.14-15)

A presença dos imigrantes, sem dúvida, conferiu um novo ritmo de crescimento à cidade de Curitiba, influenciando hábitos e costumes locais. Até o século XIX, a população de Curitiba era, quase em sua maioria, composta por índios, mestiços, portugueses e espanhóis. Nos finais do século XIX, essa

¹ Trecho retirado da canção *Arrombou a Mídia*, de Rita Lee.

característica começa a possuir contornos e traços diferentes devido ao intenso fluxo imigratório.

A participação dos imigrantes na construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá foi muito expressiva. Além de trabalhadores locais, “fizeram parte da concretização deste “sonho”: alemães, poloneses, italianos, ingleses [...]” (SEGALLA *et AL*, 2005, p.77)

É importante ressaltar que as mudanças desse período na cidade de Curitiba não ocorreram, somente, nos campos econômicos, políticos e sociais. No campo religioso, um acontecimento muito importante e, que também, movimentou questões gerais da sociedade, foi a criação da diocese de Curitiba.

A instituição hierárquica da Igreja Católica em Curitiba começou em Abril de 1892. Sua criação, segundo o historiador Fausto Gil Filho, surgiu

[...] pela bula *Ad Universas Orbis Ecclesias* de Leão XIII que colocava a diocese como sufragânea da Sé Metropolitana do Rio de Janeiro e, de 1908 a 1926, da arquidiocese de São Paulo. O território desta circunscrição eclesiástica compreendia a totalidade dos estados do Paraná e Santa Catarina. (GIL FILHO, 2003, p.99)

Dois anos depois, o então Papa, Leão XIII, indicou como primeiro bispo para a diocese de Curitiba Dom José Camargo de Barros que, em Novembro de 1903, foi transferido para a diocese de São Paulo. Após sua saída, outros dois bispos – Dom Leopoldo e Silva e Dom João Francisco Braga – tomaram posse da diocese, respectivamente em outubro de 1904 e fevereiro de 1908.

Na regência do bispo Dom João Francisco Braga, a diocese de Curitiba foi elevada à província eclesiástica do Paraná, tornando-se, assim, uma arquidiocese. Segundo Fausto Gil ressaltou, “A condição de arquidiocese estrutura-se a partir da bula *Quum In Dies* de Pio XI, em 10 de Maio de 1926.” (GIL FILHO, 2003, p.99)

A partir da necessidade de construir uma residência episcopal, Dom João fez a doação de um terreno onde, posteriormente, seria construída a atual sede da Mitra da Arquidiocese de Curitiba².

Após a instituição da Arquidiocese em Curitiba, outros bispos foram nomeados e assumiram o controle da Arquidiocese de Curitiba. Sequencialmente, estes bispos foram: Dom Ático Eusébio da Rocha (1936 – 1950), Dom Manuel da

² A Mitra da Arquidiocese de Curitiba foi fundada no ano de 1927. Atualmente a mitra fica localizada na Avenida Jaime Reis, número 369, no bairro São Francisco em Curitiba.

Silveira D'Elboux (1950 – 1970), Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto (1970 – 2004), Dom Moacyr José Vitti (2004 – 2014), Dom Rafael Biernaski³ (2014 – 2015) e Dom José Antônio Peruzzo (2015 – atualmente).

A organização territorial da Igreja Católica no Paraná apresenta “[...] a conformação recente a partir do fracionamento territorial da antiga Arquidiocese de Curitiba, com outras três Arquidioceses mais recentes formando uma nova divisão regional.” (GIL FILHO, 2003, p.99-100). Sendo assim, o Estado do Paraná possui quatro províncias eclesiais, sendo elas: a de Londrina, a de Maringá, a de Cascavel e a de Curitiba.

Atualmente, a Arquidiocese de Curitiba está, sob o ponto de vista administrativo da Cúria Metropolitana, dividida em Paróquias “consideradas como da capital, que inclui além do município de Curitiba, os municípios de Pinhais e Colombo, e as paróquias do interior, que correspondem aos outros municípios da circunscrição eclesial.” (GIL FILHO, 2003, p.100)

No conjunto das paróquias pertencentes à administração da arquidiocese de Curitiba encontra-se a Paróquia São Paulo Apóstolo, datada do começo dos anos 1950, o que logo mais será apresentado nesta pesquisa.

Antes disso, em 1945, “a senhora Verena Hauer doou à comunidade um terreno para a construção da 1ª capelinha de madeira, que, a seu pedido, teve o nome de São Paulo Apóstolo em homenagem a Paulo, seu finado Esposo.” (O CHAMADO, 2017, p.08) Meses depois, a capelinha de madeira foi construída e naquela ocasião houve uma festa para celebrar aquele acontecimento.

Quando a comunidade foi elevada à condição de Paróquia, a capelinha de madeira não atendia mais as normas litúrgicas exigidas. Segundo informações do jornal de circulação interna da Paróquia denominado *O Chamado*, o início da construção da paróquia ocorreu em janeiro de 1953, quando

[...] o Arcebispo de Curitiba Dom Manuel da Silveira D'Elboux, desmembrou uma área das paróquias de Nossa Senhora do Rocio e de Cristo Rei, constituindo assim uma nova paróquia: São Paulo Apóstolo. Na ocasião nomeou, também, o primeiro pároco, Pe. Júlio João Saavedra, Oblato de Maria Virgem⁴. (OMV, 2003, p.1)

³ O Bispo permaneceu como administrador da arquidiocese de Curitiba no período de *Sede Vacante*, que durou de 2014 até a nomeação de Dom José Antônio Peruzzo em março de 2015.

⁴ Fundada em 1826 pelo Pe. Pio Bruno Lanteri, na Itália, a congregação dos Oblatos de Maria Virgem é uma ordem religiosa que realizam trabalhos missionários em diversas partes do mundo, sendo o principal deles o auxílio na formação clerical.

Em Julho de 1953, o padre Júlio Saavedra⁵ firmou um acordo com a construtora Irmãos Thá que se comprometia em construir a paróquia.

Anteriormente à chegada do padre na comunidade, a rua onde estava localizada a Paróquia em construção era denominada de Rua da Igrejinha. Após o ano de 1953, a rua passou a se chamar Rua Padre Júlio Saavedra, em homenagem ao pároco. Este fato, particularmente, é curioso, pois, é de costume, nomear logradouros após o falecimento de uma determinada personalidade influente. Neste caso, a homenagem é realizada é realizada com o pároco ainda em vida.

A primeira cruz que a paróquia possuiu foi trazida das proximidades do Aeroporto Afonso Pena, em São José dos Pinhais, por um morador e membro participante da paróquia. As primeiras missas campais realizadas na paróquia, segundo um documento de circulação interna da Paróquia, foram realizadas sob esta cruz e, somente em 1954, a primeira missa foi realizada na parte edificada da paróquia onde atualmente se localiza o Salão Paroquial.

Após muitas transformações no ambiente físico da paróquia, atualmente “[...] a paróquia São Paulo consiste da Matriz, a Capela Santo Estevão, e a Capela Nossa Senhora de Aparecida com diversas pastorais, movimentos e associações.” (OMV, 2003, p.1)

Um movimento que obteve, desde que foi criado, grande destaque dentro desta paróquia foi o das capelinhas, que ainda seguem as normas pré-determinadas contidas em um manual denominado *Movimento das capelinhas: diretrizes*, que será analisado com mais cuidado e atenção no segundo capítulo.

Na comunidade, o movimento das capelinhas se iniciou, concomitantemente, à Arquidiocese de Curitiba, no ano de 1937. Desde então, este movimento nunca foi deixado lado e sempre teve um papel de muito destaque tanto na arquidiocese, quanto na paróquia, pois, segundo apontamentos defendidos pelo jornal o *Chamado*, o movimento é “[...] uma boa forma de evangelização para as famílias[...].” (2017, p.8)

⁵ Julio, genovês de nascimento, depois ordenado em Pisa, na Itália, foi designado para trabalhos missionários na Argentina e no Uruguai. No ano de 1946, Julio Saavedra foi designado a Padre em uma Igreja próxima a cidade de São Paulo. Sete anos depois, é transferido para a Arquidiocese de Curitiba, onde é designado a uma nova Paróquia, tornando-se, assim, o primeiro vigário – atualmente o termo correto é pároco – da nova Paróquia São Paulo Apóstolo. (OMV, 2003, p.1)

Ainda de acordo com dados oficiais internos da Arquidiocese de Curitiba, o movimento das capelinhas na Paróquia São Paulo Apóstolo conta um total de 2019 famílias participantes⁶. Coordenando este movimento na paróquia estão Antonia Weigert Bastos e Rosa Maria Fagundes.

Este movimento paroquial é organizado em três grandes grupos: o grupo da Igreja Matriz, que possui 21 áreas com 952 famílias; o grupo da Capela Santo Estevão, que possui 8 áreas contabilizando um total de 628 famílias e, por último, o grupo da Capela Nossa Senhora Aparecida, tem a participação de 439 famílias em um total de 9 áreas. Cada área possui um determinado número de ruas e de capelinhas que transitam por esta. No total, 76 capelinhas circulam pela comunidade. Cada uma destas áreas é comandada por uma mensageira que deve fazer a intermediação entre a capelinha e o fiel.

1.2 A RELIGIOSIDADE POPULAR E AS CAPELINHAS: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

Para iniciar a abordagem acerca das capelinhas é preciso voltar um pouco no tempo, na verdade, durante o processo de colonização do Brasil, quando a religiosidade popular, em boa parte, com características populares, se entrelaçou com práticas de origem indígena e africana, apesar dos esforços do clero em mantê-la longe dessas influências.

Um conceito que cabe neste momento é o de longa duração, elaborado por Fernand Braudel, na primeira metade do século XX, que divide o tempo em durações sendo eles: o de curta, média e longa duração.

O tempo de curta duração é aquele que chega imediatamente ao conhecimento das pessoas. O de média duração, não é perceptível de imediato, demandando alguns anos para o seu reconhecimento. Já, o tempo de longa duração, é aquele que só é revelado a partir do estudo histórico.

Sob a perspectiva da longa duração “[...] Braudel elabora uma abordagem da história capaz de isolar um instantâneo, em meio à diversidade do mundo, sondando as permanências[...]” (RODRIGUES, 2009, p.167). Braudel, ainda sobre a longa duração, assinalou

⁶ Este documento encontra-se nas referências como *Setorização das Capelinhas*

Se a história está destinada, por natureza, a dedicar uma atenção privilegiada à duração, a *todos* os movimentos de duração em que ela pode decompor-se, a longa duração nos parece, nesse leque, a linha mais útil para uma observação e uma reflexão comum às ciências sociais. (2005, p.75)

Na perspectiva desta pesquisa, a longa duração serve para compreender a prática devocional das capelinhas e a religiosidade popular, sendo este último abordado na sequência.

A Igreja Católica acompanhou o processo de colonização do território brasileiro incorporando no cotidiano dos colonizados elementos e práticas que eram, até então, desconhecidas pelos demais. (DILLMAN, 2012, p.105) Com o passar dos anos, estas práticas se tornaram cada vez mais frequentes e o catolicismo foi ganhando força e adeptos na Terra de Santa Cruz.

Apesar de o catolicismo ser hegemônico, a religião não conseguiu se sustentar e se impor, de forma mais ortodoxa na colônia portuguesa. Houve um espaço significativo para o sincretismo a partir do momento em que, a religiosidade – como era praticada nos locais de origem – não foi totalmente conservada, ao contrário, ela ganhou novos tons e características na medida em que entrava em contato com outras culturas, transcendendo, assim, a configuração que tinham antes do contato inicial. (MACEDO, 2008, p.3)

Durante o período colonial, elementos antigos ou pertencentes à religião oficial sofreram uma transformação de acordo com as necessidades locais, bem como alguns princípios e liturgias foram moldadas de modo a se adequar a nova necessidade. (QUEIROZ, 1973, p.106) Possivelmente, com esta flexibilização do catolicismo, a propagação da religião tornou-se uma tarefa menos árdua, segundo o entendimento de alguns estudiosos.

Esse catolicismo que estava sendo moldado, segundo a pesquisadora Martha Abreu, se apresentava como

[...] um sistema único de poder e legitimação, associando, numa interpenetração estreita, Estado e Igreja, o profano e o sagrado, de modo que as vivências das religiosidades ganhavam marcas das dinâmicas de hibridismos culturais. (1999, p. 35)

Desde o período colonial, no interior das práticas católicas sempre houve uma oposição entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular. Sobre este dualismo, a

pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiroz, afirmou que, não somente no Brasil, mas em diversos países do mundo, esta oposição sempre esteve presente, pois estavam postos

[...] de um lado as necessidades religiosas espontâneas formuladas pela massa da população aliadas à conservação de antigas tradições religiosas e, de outro lado, a estrutura de uma hierarquia sacerdotal, sustentada por um dogmatismo mais ou menos rígido. (1973, p. 104)

Um ponto para analisar a difusão do catolicismo popular surge a partir de questões geográficas. A falta de conhecimento religioso e de pessoas capazes de transmiti-los esteve, constantemente, presente durante todo o período colonial brasileiro. Sob esta ótica, Maria Isaura Queiroz ressaltou que

Os sacerdotes, em sua maioria, permanecem nas cidades ou nas zonas mais populosas; no sertão e nas zonas rurais em geral são mais sempre mais escassos. As paróquias do interior, muito vastas, raramente dispõem de um vigário ali residindo em permanência, e muitas vezes um só cura tem a seu cargo mais de uma paróquia; a extensão a percorrer é de tal ordem que a maioria das localidades recebe a visita de um vigário apenas uma vez por ano. (1973, p. 105)

A instrução religiosa ministrada pelos sacerdotes, além de rara, era focada somente na camada mais alta da sociedade. As crianças de níveis sociais elevados, por exemplo, seguiam cursos de catecismo durante alguns meses, que servia como uma base preparatória para a primeira comunhão. Em contrapartida, as crianças de níveis sociais inferiores, fossem elas pertencentes à zona rural ou urbana, eram instruídas por seus pais e/ou parentes “[...] quase sempre analfabetos e que, por sua vez, foram no passado instruídos na mesma forma.”(QUEIROZ, 1973, p. 105) A fé, naquele contexto, era em grande parte, transmitida no âmbito familiar, de geração em geração, de uma forma simples e, por certo, deformada aos olhos do clero.

Maria Isaura Queiroz apontou ainda que “[...] a maior parte dos elementos religiosos trazidos para o Brasil fazia parte, já em Portugal, da religião popular; pois o campônio português, ao emigrar, trazia consigo suas crenças.” (1973, p. 107) Algumas destas práticas, certamente, não eram muito ortodoxas. Este fenômeno, no entanto, não era uma singularidade brasileira. Em Portugal, o catolicismo português era caracterizado como um catolicismo sincrético na medida em que apresentava um grande e forte apego aos santos, nomeando a muito deles com as forças da

natureza. (MACEDO, 2008, p.1) Este catolicismo estava mais apegado às imagens e às figuras do que ao espiritual, como ressaltou Laura de Souza e Mello (1986).

Sobre esta forte presença de imagens e de santos em Portugal, o pesquisador Emiliano Unzer Macedo apontou que,

Em Portugal símbolos como as cruzes eram constantes e praças, Igrejas, ruas, sepulturas, ao longo de caminhos, nos cordões, peitorais e escapulários, nas exclamações invocatórias e protetoras, no velame das caravelas. Por toda parte imagens de santos povoavam as vilas, cantos de ruas, altares, oratórios e capelas, interior de casas, cultos à virgem Maria, festas, romarias e procissões nas ruas que se repetiram no Novo Mundo. (2008, p.7)

Este forte apego aos santos foi, também, uma herança cultural herdada pelos colonizados que estabeleciam laços religiosos com muitos deles. (FREYRE, 1992, p.247) Um objeto com cunho evangelizador trazido para o Brasil e que caracteriza bem essa disseminação dos ideais católicos portugueses é o Oratório, ou como será tratado no presente trabalho de capelinha.

Em um primeiro momento, vale ressaltar que, as capelinhas, atualmente, possuem várias classificações que podem variar muito a partir de qual seja a sua utilização.

Partindo deste ponto, é importante evidenciar as diferentes classificações e usos das capelinhas. Para tanto, as análises apresentadas e debatidas pela pesquisadora Viviane da Silva Santos, são de suma importância, pois utiliza as definições e classificações acerca das capelinhas presentes no catálogo do Museu do Oratório⁷.

Segundo a pesquisadora, o catálogo citado é relevante já que “[...] nos catálogos dos outros museus estudados, os oratórios compõe uma coleção de mobiliário e não possui uma classificação, [...]” (SANTOS, 2014, p.24)

As definições contidas na dissertação da pesquisadora Viviane da Silva Santos, evidenciam os diferentes tipos de oratórios religiosos presentes no cotidiano das pessoas. Para esta classificação a Viviane Santos se baseou em dados do catálogo do Museu do Oratório, assinado pela própria colecionadora, Angela Gutierrez (2013). A pesquisadora classificou os oratórios em nove categorias,

⁷ Localizado em Ouro Preto, Minas Gerais, o Museu do Oratório foi inaugurado no ano de 1998. Caracterizado pela diversidade de seu acervo, o museu conta com uma coleção com mais de 162 oratórios. As peças do acervo do Museu foram doadas ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) pela colecionadora Ângela Gutierrez, fundadora do Museu.

definindo as funcionalidades de cada um dos oratórios, conforme descrito no Quadro 1.

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DOS ORATÓRIOS

CLASSIFICAÇÃO	IMAGEM	DEFINIÇÃO
Oratório Ermida		Oratório de grande formato, integrado a arquitetura, instalado em varandas e pátios.
Oratório de alcova		Oratório móvel que, geralmente, fica nos quarto.
Oratório de viagem (Oratório, pingente, arca e bala)		Oratório móvel destinado a orações em viagens.
Oratório lapinha, ou Estilo São José		Oratórios típicos do final do século XVIII em Minas Gerais. Apresentam dois espaços para a colocação de imagens de santos, sendo que na sua parte inferior há uma figura de presépio.
Oratório maqueteta ou de convento		Oratório feito por freiras em conventos baianos. Caixilhos decorados por recortes, flores e colagens que trazem no centro uma gravura ou estampa de um santo.

Oratório Esmoeler		Oratório com compartimento ou gaveta destinada à doação de dinheiro.
Oratório erudito ou de referência artística		Oratórios que proporcionam remontar seu estilo artístico ou saber sua autoria, visto cumprirem regras/normas/requisitos elencados em determinado Canon.
Oratório afro-brasileiro		Pequenos armários de entalhes simples, caracterizando-se pela presença marcante de elementos místicos em detrimento de elementos decorativos.
Oratório popular doméstico		Oratório encontrado no interior da casa dos fiéis, nos salões ou quartos, destinados para uso particular ou da família

FONTE: GUTIERREZ, 2013, p.24-147.

O resultado de levantamentos bibliográficos realizados apontou apenas uma tese, duas dissertações de mestrado e uma monografia que abordam o tema das capelinhas. As pesquisas acadêmicas e artigos científicos, em sua maioria, tratam a capelinha a partir de seu viés estrutural, diferente desta abordagem que pretende enfatizar seu caráter religioso e evangelizador.

Sandra Santos, em sua monografia, afirmou que, para algumas paróquias, a ideia das capelinhas era a de “evangelizar e aproximar as famílias através do encontro e da fé.” (2014, p. 5) A pesquisadora ressaltou também que, a circulação

das capelinhas entre as famílias é um dos pilares da devoção mariana que apresenta um intenso simbolismo e significado, seja para as pessoas ou para a Igreja. (2014, p.10) Estas questões sobre evangelização e marianismo presentes nas capelinhas serão analisados no segundo capítulo.

Outra referência ao assunto é Silveli Russo, que analisou as capelinhas pertencentes à Cúria da cidade de São Paulo buscando dar um significado a estas capelinhas partindo desde sua origem.

A autora, também, fez uma divisão dos oratórios, listando três categorias: o oratório público, o semi-público e o privado. Portanto, de acordo com essa classificação, o objeto de estudo deste trabalho é o da vertente pública. A pesquisadora apontou que

[...] no primeiro caso, sua característica principal insere-se no valimento de que todos os fiéis podem assistir ao desenvolvimento dos ofícios divinos. Já a segunda circunstância refere-se à categoria de oratórios que presta serviços a uma irmandade ou congregação particular, não sendo permitido o livre acesso ao seu uso. E, por fim, aquele que, na realidade, muito interessa-nos: o oratório “privado” ou doméstico, erigido em casas particulares para o serviço de uma pessoa ou família podendo, em alguns casos, adquirir as características dos “semi-públicos”. (2011, p.11)

Viviane Santos, além de classificar os oratórios a partir de dados do catálogo do Museu do Oratório, faz uma análise dos oratórios populares domésticos na região de Feira de Santana, na Bahia em relação à cultura material e de memória visual que emerge de lugares onde se localizam. (2014, p.12)

Nesse sentido, Viviane Santos apontou que

Dos primeiros episódios, à sua disseminação e popularização, os oratórios são utilizados pelas pessoas até os dias de hoje. São fruto de uma relação íntima entre o sagrado e o devoto, personagens presentes nas manifestações articulares da vida, representam o lugar do divino na casa dos homens. Ainda continuam sendo fabricados, em casos de raras encomendas feitas a marceneiros, em materiais reciclados e comercializado em feiras de artesanato e lojas de decoração, ou são comercializados em antiquários, e até na Internet. O fato é que os oratórios continuam presentes nas residências [...] (2014, p.32)

Maria Alice Honório Sanna Castello Branco estudou, em sua dissertação, as capelinhas através um viés estrutural, sinalizando, especificamente, as capelinhas em estilo Dom José I, produzidas em Minas Gerais, em meados do século XIX.

Suas análises, apontaram algumas características deste tipo de oratório:

Ao examinar pela primeira vez aquele oratório, três aspectos chamaram atenção. Em primeiro lugar, o fechamento em vidro da parte frontal. A peça de vidro foi perfeitamente colocada em um sulco entalhado no móvel de madeira. O segundo aspecto, a presença de uma paleta dourada de tamanho exagerado em relação ao corpo do móvel, entalhada no cume. Este ornamento em forma de folha de palma caracteriza essa tipologia – e não a forma da rocalha, intrinsecamente associada às manifestações plásticas do rococó. Por fim, percebi a disposição peculiar das seis imagens religiosas distribuídas no nicho pintado em azul com rosinhas de malabar. (2015, p.1)

As referencias evidenciadas anteriormente abordam o oratório de cidades e regiões diferentes do Brasil. Este aspecto sugere a ampla tradição desses artefatos pelo país afora, já que a primeira pesquisa é situada em Porto Alegre, a segunda na Bahia e a última em Minas Gerais. Este aspecto torna clara a disseminação dos oratórios pelas diferentes partes do país.

2. “A FÉ TÁ NA MULHER⁸”: A FÉ EM MARIA ATRAVÉS DAS CAPELINHAS

2.1 MANUAL DO MOVIMENTO DAS CAPELINHAS: AS DIRETRIZES

A devoção a Maria é uma constante na história do catolicismo no Brasil, sendo esta experiência mariana uma peculiaridade da identidade religiosa do povo brasileiro, entretanto, esta não é uma exclusividade nossa.

Na América Latina, a expansão desta devoção não demorou muito para ocorrer. Segundo Pedro Cipolini

A primeira geração de conquista das Américas foi marcada por muita violência e destruição da cultura religiosa indígena. Para os conquistadores, Maria estará sempre a seu lado contra os índios, considerados infiéis. [...] A partir da segunda geração da conquista, Maria começou a ser integrada nos costumes das Américas espanhola e portuguesa. Ela passará a ser vista como auxílio dos aflitos, aliada dos pobres. (2010, p.40)

O Brasil herdou essa prática devocional do catolicismo português, que era profundamente mariano. Um exemplo disto é que, desde o início da chegada dos portugueses ao Brasil, Maria serviu como ânimo aos conquistadores, que traziam,

⁸ Trecho retirado da canção *Andar com Fé*, de Gilberto Gil.

em todas as caravelas, pelo menos uma imagem dedicada a ela. (CIPOLINI, 2010, p.36-39)

São muitas as tradições de devoção a Maria dentro da grande devoção mariana no Brasil. Um exemplo desta prática é o movimento das capelinhas.

O movimento das capelinhas, a partir de dados de documentos e panfletos coletados nos arquivos da Arquidiocese de Curitiba, surgiu no ano de 1888 na cidade de Guayaquil, no Equador, com o intuito de “[...] difundir o culto familiar prestado a Deus por Intermédio de Maria.” (MOVIMENTO, 2014, p.7) Para muitos, o que os Missionários Claretianos fizeram foi apenas oficializar uma prática devocional popular muito tradicional.

Segundo apontamentos do livro denominado *Movimento das Capelinhas: diretrizes* – que será analisado posteriormente – a história do movimento teve início com

[...] o cônego José Maria Santistevan, da Congregação dos Padres Claretianos que, vendo as dificuldades das famílias, o materialismo, a falta de fé entre os jovens, chegou a conclusão de que só a presença constante da Mãe de Jesus poderia ser uma solução. (2014, p.8)

A prática da circulação das capelinhas, denominada inicialmente como Visita do Imaculado Coração de Maria, como uma forma de devoção mariana, foi difundida rapidamente de Guayaquil para diversas partes do mundo, “[...] chegando ao Brasil na época da Primeira Guerra Mundial, em 1914, na cidade de Belo Horizonte, MG.” (MOVIMENTO, 2014, p.8)

Da capital mineira, o movimento, depois institucionalizado, foi se espalhando por todo território brasileiro, pois a Igreja percebeu que este meio de evangelização familiar era bastante eficaz. Com isso, o movimento foi ganhando seus contornos e especificidades nessa caminhada, e chegou em Curitiba no ano de 1937⁹.

O movimento das capelinhas nesta Arquidiocese se iniciou na Paróquia do Imaculado Coração de Maria, no bairro Rebouças. O então Pe. Vigário da Paróquia, Roberto Peres, já tinha conhecimento desta prática na Espanha e, por isso, resolveu organizar e iniciá-la dentro da sua paróquia. Essa sua ação, ele supunha, seria um meio eficiente para trazer as famílias para próximo a Igreja, conhecê-las e fazê-las mais presentes, seja na comunidade, seja na sociedade. (MOVIMENTO, 2014, p.8)

⁹ Até 1936, em todo o Paraná, haviam somente 22 paróquias, sendo 21 delas construídas no interior do Estado. A partir de 1937, esse número começa a crescer significativamente.

A partir disto, pode-se afirmar que o objetivo central do movimento das capelinhas era, segundo o livro, “[...] levar as famílias a uma maior aproximação da Igreja e de Cristo.” (MOVIMENTO, 2014, p.8)

Vendo o interesse da comunidade frente à nova proposta evangelizadora, o Pe. Roberto Peres encomendou duas capelinhas¹⁰ de um artesão da cidade de São Paulo. Estas capelinhas circularam, inicialmente, entre 60 famílias que aceitaram fazer parte do movimento. Após perceber uma boa recepção da comunidade com a nova ação, o vigário realizou uma procissão e propôs que o movimento das capelinhas deveria sair dos limites daquela paróquia e se expandir para a Arquidiocese e, para isso, oficializou essa prática. Por isso, a data de 26 de agosto de 1937 é considerada, oficialmente, como “[...] natalício do movimento das capelinhas na Arquidiocese de Curitiba.” (MOVIMENTO, 2014, p.9)

Essa boa recepção da comunidade pode ser encarada a partir da importância que os santos têm para a Igreja Católica. O culto aos santos remete a uma prática devocional que tem ligações estritas com questões sentimentais. A escolha pode partir de dois vieses: um primeiro que se dá pela escolha, entre muitos, de um santo em específico, ou, também, pode ser que esta definição esteja dada a partir de uma determinada visão ou experiência (SAEZ, 2009, p.204-205). No caso das imagens nas capelinhas, o que ocorre é a segunda opção.

Dessa forma, o movimento iniciado na Paróquia Imaculado Coração de Maria se espalhou, aos poucos, para outras Paróquias, incentivando a devoção mariana, sendo meio de catequese nas famílias e de fraternidade entre elas. (MOVIMENTO, 2014, p.9)

No início, o movimento não possuía uma organização normatizada. Segundo informações contidas no documento de circulação interna da Arquidiocese

[...] cada paróquia elegia sua Diretoria que desempenhava um ótimo trabalho pastoral e devocional, mas muito restrito, isto é, cada paróquia fazia suas normas para o Movimento paroquial e dependia muito da boa vontade do Vigário de continuar ou não este tipo de apostolado. Isso poderia levar o Movimento das capelinhas a cair no esquecimento ou, até mesmo, desaparecer. (2014, P.10)

Somente em 1967, a alta cúpula arquidiocesana resolveu realizar uma reunião de modo a uniformizar e unificar tais práticas. O então bispo auxiliar de

¹⁰A primeira capelinha a circular em Curitiba pertence, atualmente, ao acervo do Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba.

Curitiba, Dom Manuel da Silveira D'Elboux, se colocou como sujeito atuante nesse movimento, participando de forma mais ativa das reuniões e do movimento em si. (MOVIMENTO, 2014, p.10)

Como resposta a isso, a Arquidiocese de Curitiba publicou um documento denominado *Movimento das Capelinhas: diretrizes*. O livreto é uma espécie de manual, que dispõem de várias orientações de uso das capelinhas, cantos, orações e informações gerais sobre o movimento.

Para a análise, será utilizado o manual publicado no ano de 2014, de circulação interna da Arquidiocese de Curitiba. O livro conta com 76 páginas e é dividido em 18 capítulos. A introdução do livro é escrita pelo Administrador Diocesano Dom Rafael Biernaski e pelo Padre Regis Soczek Bandil que, no texto, enaltecem o movimento se respaldando em passagens bíblicas e em bulas papais.

A partir do sumário do manual, é possível agrupar os 18 capítulos em quatro conjuntos distintos. Nos três primeiros capítulos é realizada uma introdução do movimento aos leitores, bem como é evidenciada, nesse capítulo, as orientações e normas gerais para a utilização da capelinha. Do quarto ao sétimo capítulo é perceptível a construção de uma hierarquia administrativa e espiritual do movimento. Do oitavo ao décimo primeiro capítulo, a Arquidiocese busca dar significado a este movimento a partir de dados bíblicos e eclesialístico, explicando a função da capelinha e de Maria nessa prática. Por fim, do décimo segundo ao décimo oitavo capítulos, estão inseridos hinos, cantos e orações que devem ser realizados pelos fiéis que estiverem de posse da capelinha.

No primeiro conjunto dessa divisão, como já citado anteriormente, são mostrados os dados sobre o movimento bem como as orientações gerais do mesmo. Num primeiro momento, o manual busca apresentar os objetivos desse movimento, como segue:

- a) Evangelizar as Famílias pela visita de Maria na capelinha, como um instrumento propagador da palavra de Deus, favorecendo a união fraterna e a oração, especialmente a do terço. b) Propagar a devoção a Nossa Senhora. c) Despertar as vocações sacerdotais e religiosas, incentivando-as espiritual e materialmente. (2014, p.12)

Analisando o livro *Movimento das Capelinhas: diretrizes*, é possível perceber outro objetivo que não está evidenciado em nenhum texto. Ao realizar o circuito de visitas, a capelinha está, numa relação simbólica, mas eficaz, fazendo com que a

Igreja e Maria se tornem presentes no cotidiano das pessoas, atuando diretamente em suas vidas.

Logo após os objetivos, uma justificativa para movimento é apresentada. Neste tópico são encontradas três características do movimento, de caráter Bíblico, Cristológico e Eclesiológico. No primeiro, o intuito do movimento é, a partir da reunião da família, ter a palavra de Deus refletida. Já no caráter Cristológico, a partir da utilização de Maria, a família entrará em contato direto com Cristo e, por fim, no caráter Eclesiológico, a comunidade e a Arquidiocese devem estar unidas para que, juntas, possam construir uma Nova Igreja.

Em seguida, as diretrizes principais do movimento são listadas, entretanto, os quatro tópicos apontam para um único foco: deve-se venerar Maria a partir das capelinhas. Neste ponto entra em debate a questão entre veneração *versus* adoração. Segundo Renato Suhet, os santos, nesse caso compreendido como a figura de Maria “[...] não são pessoas de adoração, mas sim de veneração. Venerar é reconhecer e respeitar os méritos de alguém.” (2014, p.22) Posteriormente, será analisado o termo mais apropriado para a utilização segundo instruções e normas do manual aqui analisado.

Para finalizar o segundo capítulo, o manual dispõe, como prioridades, cinco ações, sendo elas

- a) Evangelizar as famílias pela presença de Maria; b) Formar as Mensageiras (os) para Ação Evangelizadora; c) Promover encontros setoriais (formação) motivando e acompanhando-os; d) Acompanhar e apoiar o surgimento de vocações sacerdotais e religiosas; e) Harmonizar-se com a caminhada da Igreja na Arquidiocese[...] (2014, p.13)

Para que estas prioridades sejam alcançadas, a publicação lista algumas ações que as famílias devem realizar, sem exceções. Para a propagação da devoção mariana, a família deve rezar o terço em conjunto, ensinar os filhos a rezar, colocar a capelinha em local de destaque na moradia e incentivar outras famílias a fazerem parte do movimento. Para que uma união na e entre famílias ocorra, de acordo com as orientações, é necessário que os pais sejam exemplos para os filhos, bem como devem rezar juntos, participar ativamente na comunidade e, novamente, incentivar outras famílias a receber a capelinha. Por fim, a família deve despertar vocações nos filhos, incentivando sempre o caminho sacerdotal. (MOVIMENTO, 2014, p.13)

Nestas orientações, fica evidente a preocupação que o movimento têm com a participação dos fiéis nas atividades paroquiais. Sempre que é possível o manual retorna a este mesmo ponto, reforçando que o movimento tem a responsabilidade de trazer novos membros da comunidade para próximo da paróquia e, se possível, despertar novas vocações.

As capelinhas têm diversas funcionalidades. Além de estar intimamente ligada ao sagrado, a capelinha têm uma função muito importante na economia da paróquia. Todas as capelinhas que circulam na comunidade da Paróquia São Paulo Apóstolo possuem, na sua composição, uma espécie de “cofrinho”, no qual os fiéis depositam uma ajuda monetária; uma espécie de dízimo. Esta ajuda, segundo dados do manual, é para atividades e seminários da Arquidiocese de Curitiba. A oferta dos fiéis é voluntária, porém o manual frisa que “Esta ajuda é sagrada.” (MOVIMENTO, 2014, p.14) Toda a verba arrecadada nas trinta capelinhas em circulação na Paróquia São Paulo Apóstolo seguem pré-determinações do manual que diz respeito à sua divisão. A mensageira responsável pela capelinha entrega à coordenadora da paróquia todo o dinheiro arrecadado que, por sua vez, junta com o restante. De acordo com as disposições publicadas,

[...] 10% fica para as atividades do movimento de capelinhas da paróquia e 90% para o seminário diocesano (entregue pelas coordenadoras na reunião geral). Se houver seminário de congregação religiosa dos padres que atendem na paróquia, então a coordenadora divide a contribuição: 45% para o seminário religioso e o restante para o seminário da Arquidiocese. (MOVIMENTO, 2014, p.14)

Neste ponto, vale a pena ressaltar a importância do dízimo para uma unidade paroquial. O dízimo é um valor pago pelo fiel de forma voluntária ou por meio de uma taxa ou imposto. Independente do modo como é pago, o dízimo têm uma lógica plenamente econômica, na medida em que o total arrecadado é utilizado para arcar com despesas internas da paróquia. (CARRARA; SANTIRÓ, 2010, p. 167-169)

Após explicar os detalhes mais burocráticos acerca do movimento, o livro, em seu terceiro capítulo, apresenta aos fiéis a maneira correta de se proceder quando se está de posse do oratório que deverá obedecer, criteriosamente, as normas de funcionamento contidas no manual.

Cada capelinha visitará, no máximo, 30 famílias por mês, ou seja, a capelinha deverá permanecer 24 horas em cada família e deve-se tomar muito cuidado para

não se esquecer de levar a capelinha para outra família, pois todas as famílias devem ser pontuais, bem como saber o dia exato da visita da capelinha para a família. (MOVIMENTO, 2014, p.14-15)

Em seguida, o livreto indica um passo a passo de como se deve proceder a partir do momento em que a capelinha chega em um novo lar até o momento em que a mesma parte rumo à outro. Seguindo instruções da publicação, os fiéis devem, obrigatoriamente

1. Ao receber a capelinha, coloque-a num lugar de honra. Se possível acender uma vela ou lamparina e faça-se a “Oração da visita”¹¹. 2. À noite, quando a família estiver reunida, reza-se o terço. Recomenda-se muito que, não só a família, mas também os vizinhos sejam convidados a rezar juntos, sobretudo nos meses de maio e outubro, dedicados à Maria. É muito louvável que o pai, como chefe da família, presida o terço. No fim do terço, reza-se a oração pelas vocações¹², oração que nunca deve ser omitida. 3. Depois do terço, sendo possível, sentam-se todos para leitura e meditação de um trecho da bíblia; além disso, pode-se ler também algum livro ou artigo de revista religiosa. 4. Durante a noite e o dia seguinte, a capelinha permanece aberta e colocada sob um local de honra. Não há necessidade de deixar a luz acesa o tempo todo e, se for preciso, todos podem sair de casa. Há o costume de se deixar uma oferta na capelinha. 5. A tarde, na hora estabelecida, reza-se a “Oração de despedida”¹³ e leva-se a capelinha para a casa seguinte, conforme consta na lista. Se não houver ninguém lá, permanecerá mais um dia na mesma casa, e depois leva-se adiante, para que esteja na ordem da lista. (MOVIMENTO, 2014, p.15)

Neste ponto se destaca a importância de dois objetos que aparecem nas orientações de uso da capelinha: a vela e o terço. A vela, presente nas mais variadas práticas religiosas, significa, como aponta Mísia Reesink

[...] o primeiro sentido da vela é a vida. Sendo símbolo de Cristo, ela carrega consigo aquela vida. Além disso, ela é também o fogo do Espírito Santo [...] A vela está, então, sempre presente transformando o espaço físico/corporal

¹¹ Virgem Santa, Visitadora dos nossos lares, do alto de vossa glória, não esqueça as tristezas da terra. Lançai um olhar de bondade sobre as nossas famílias, os nossos filhos, para os que estão em meio à dor; sobre os que lutam contra as dificuldades e cujos lábios sorvem sem cessar as amarguras da vida. Tende piedade daqueles que se amavam e foram separados; tende da solidão dos corações; tende piedade da fraqueza da nossa fé; tende piedade dos que não vos conhecem e não vos amam; tende piedade dos que choram, dos que pedem, dos que temem. Daí a todos esperança e paz. (MOVIMENTO, 2014, p.59-60)

¹² Ó senhor, pelo batismo nos chamares à santidade e à cooperação generosa na salvação do mundo. Na messe que é grande, auxiliai-nos a corresponder à nossa missão de membros do Povo de Deus. Qualquer que seja o chamado, fazei que cada um de nós seja verdadeiramente outro Cristo no meio dos homens. Ó Senhor, por intercessão de Maria da Igreja, concedei-nos o dom misericordioso de muitas e santas vocações sacerdotais, religiosas, missionárias e leigas de que a Igreja necessita. Amém. (MOVIMENTO, 2014, p.61-62)

¹³ Esta oração não consta nos manuais utilizados para análise.

em lugar católico, tendo em vista de tratar-se de um elemento de identificação católico. (2010, p.162)

A vela, nesse sentido, serve como uma tentativa de aproximar o fiel do sagrado, em uma relação simbólica de purificação e devoção.

O segundo objeto em destaque é o terço, também considerado sagrado, como aponta Paola Oliveira, na medida em que serve como mediadora nas relações entre o fiel, Maria e Jesus. (2009, p.106) Enquanto objetos de oração, o terço é um objeto quase indispensável de devoção. No movimento, o terço têm a função de ligar o fiel ao sagrado por meio das orações, sejam elas realizadas individualmente, ou em grupo.

Somente a visita da capelinha na casa dos fiéis não é suficiente. A família que a recebe deve participar ativamente das atividades paroquiais, bem como sua presença em missas e cultos dominicais é indispensável. Mensalmente, são celebradas nas paróquias missas dedicadas aos sócios vivos e falecidos das capelinhas, portanto, a orientação é que todos os membros neste momento estejam presentes. (MOVIMENTO, 2014, p.15)

Um ponto curioso sobre a circulação das capelinhas é de que, caso algum dos fiéis que a receba esteja gravemente enfermo ou venha a falecer, a capelinha deverá ser, imediatamente, levada para a casa desta pessoa, sendo levada, no dia seguinte, para a família correspondente. Este ato é, de acordo com o manual, “[...] uma forma de demonstrar a solidariedade e gratidão.” (MOVIMENTO, 2014, p.15)

No segundo conjunto da divisão, a questão estrutural e administrativa do movimento é evidenciada. Todo o movimento é organizado por funções e cada um têm atribuições específicas. O movimento é dirigido por uma coordenação geral constituída por: um assistente eclesiástico, uma presidente, uma vice-presidente, uma secretária e uma tesoureira do movimento, uma tesoureira pró-vocações, coordenadoras setoriais, coordenadores paroquiais e coordenadores de regiões episcopais.

Acerca essa divisão e atribuição de cada uma das funções é interessante apontar que o manual faz uma divisão dos cargos a partir de gêneros. Tudo o que de certa forma é mais prático, é direcionado ao feminino, por exemplo, funções que são atribuídas as mulheres são: a presidente, a vice-presidente, as recepcionistas, as secretárias e as tesoureiras do movimento.

Em contrapartida, tudo o que seja relacionado à espiritualidade é direcionado ao gênero masculino, por exemplo: o assistente eclesialístico ou o responsável pela espiritualidade.

Essa questão de gênero, também está presente na explicação das atribuições da(o) mensageiro(a). Embora o título sugira a possibilidade do mensageiro ser ou homem, ou mulher, no texto, atribuições como “[...] ficar bem entrosada com os serviços pastorais da comunidade.” e “[...] ser convicta na fé [...]” (MOVIMENTO, 2014, p.21) evidencia que o gênero feminino é o mais enquadrado para a função.

Para se tornar mensageiro(a) o manual lista um total de 15 qualidades indispensáveis, conforme foi determinado

1.Ser Católica(o): Uma vez que o movimento das capelinhas é essencialmente católico não se compreende uma mensageira(o) que não o seja. 2.Ser Autêntica(o): Deve ser coerente na fé, no seu modo de agir, ser transparente e fiel. [...] 3.Ser Interessada(o): [...] deve preocupar-se em saber onde e como anda a capelinha[...] Deve, também, de tempos em tempos, visitar as famílias para conhecê-las e saber se há problemas, para ajudá-las. 4.Ser Amiga(o): Deve evitar ao máximo inimizades na comunidade adquirir confiança das famílias. [...] 5.Ser Humilde: Jamais ser a “dona absoluta” do Movimento na Paróquia. 6.Ser Assídua(o): deve participar de reuniões mensais[...] 7.Viver a Fé: Deve ter uma fé autêntica, adulta, profunda e cristã. Seria desastroso uma mensageira supersticiosa, isto é, que creia em horóscopo, cartomante, sortista, sarava... pior ainda se ensina aos outros essa prática pagã. 8.Ser Convicta: Deve ser convicta na fé, uma fé firme e inabalável[...] Deve dar testemunho de que foi batizada na fé católica, e católica permanecerá até o fim. 9.Ter Amor à Eucaristia: Deve estar sempre unida a Maria e a Eucaristia para alimentar sua fé e possuir uma paz interior invejável. 10.Promover a União: Deve procurar a união da família e união das famílias entre si dentro da comunidade. 11.Ter Vida de Oração: Deve prometer a oração e reflexão com as famílias de sua capelinha; para isso ela deverá ter vida de oração e meditação. 12.Valorizar a Missa: Deve levar às famílias a [...] demonstrar sua fé junto à comunidade. 13.Ter Grande Zelo 14.Trabalhar em Conjunto 15.Ser Elo: [...] entre as famílias, o movimento, a paróquia e a Arquidiocese. (MOVIMENTO, 2014, p.22 – 24)

Um ponto de suma importância a se destacar é que a(o) mensageira(o) deve possuir um grande zelo com suas atribuições. A(O) mensageira(o) tem o papel de conscientizar as famílias de que a capelinha não deve ser entregue aos vizinhos pela mão de uma criança, pois elas não têm ainda total responsabilidade com o objeto. Além disso é função das famílias e das(os) mensageiras(os) ficar atentos para que as crianças não arrombem o cofrinho da capelinha. (MOVIMENTO, 2014, p.24)

Outro ponto em destaque é que a capelinha “[...] não gosta de passar por cima do muro ou entrar pela janela, mas quer entrar em casa como visita, pelo portão ou pela porta principal.” (MOVIMENTO, 2014, p.24) Esse trecho, numa clara demonstração de sagralidade, evidencia a forma que a capelinha é referenciada, com características humanas, com vontades e desejos. Naturalmente, o objeto, em si, não gosta ou desgosta, mas, para valorizar a sacralidade dessa prática e revesti-la de um ritual, considerando apropriado, a orientação é que o oratório entre pela porta principal da cada de acolhimento.

No terceiro conjunto da divisão, a arquidiocese aponta aos fiéis, passagens bíblicas e trechos de documentos de circulação interna da Igreja Católica que são utilizados, nesse entendimento, para mostrar a importância da capelinha e do movimento.

Como uma forma de explicar ao fiel o significado da imagem de Maria, o manual indica por passagens bíblicas, colocando em destaque sua figura divina e redentora, destacando a ideia de venerar Maria, e não idolatrar.

No último conjunto dessa divisão encontram-se orações, hinos e cantos. No total, estão publicadas, nesse manual, 19 orações, 11 cantos e 3, hinos.

Por fim, vale ressaltar que o movimento apresenta duas características: uma devocional e uma institucionalizada. A primeira parte da relação que o fiel possui com as capelinhas, na medida em que, muitos fiéis, realizam romarias, rezas de terço, novenas e cultos domésticos partindo da presença e da importância das capelinhas para a comunidade.

A característica institucional está objetificada no próprio do manual do *Movimento das Capelinhas*. Este expressa, como vimos anteriormente, uma série de normas que a Igreja Católica criou com o intuito de trazer para aquela prática popular, contornos de uma prática oficial. O movimento das capelinhas não surgiu uma prática oficial da Igreja Católica, entretanto, a instituição não se opõe a realização desta prática pelos fiéis, ao contrário, através de seus representantes oficiais, normatizou sua prática

A ideia de circularidade cultural defendida Carlo Ginzburg em seu livro *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* (1998) auxilia na compreensão desta prática. Para Ginzburg, a circularidade é “o influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” (GINZBURG, 1998, p. 13). As capelinhas, nessa ideia, circulam nas mãos de

diferentes pessoas sem que tenha a presença de um sacerdote, embora a força sacralizadora da Igreja esteja sempre presente. Assim, além do caráter popular dessa prática, é a Arquidiocese que estabelece como essa prática deve ser realizada, no seu passo a passo, reforçando o caráter de circularidade cultural entre a ortodoxia e práticas leigas.

Outro ponto a ser ressaltado é que na comunidade da Paróquia São Paulo Apóstolo essa circularidade pode ser compreendida em uma relação popular – popular, sendo o expoente máximo dessa relação o pároco da comunidade que, mensalmente, realiza uma missa para a celebração das capelinhas na comunidade.

2.2 A CAPELINHA NA COMUNIDADE

Analisado o livro *Movimento das capelinhas: diretrizes*, surgiu o ponto e foco principal desta pesquisa: De que forma o movimento das capelinhas aproxima a comunidade de fiéis da Paróquia São Paulo Apóstolo em laços interpessoais?

Para que fosse possível responder a esse questionamento foi utilizada a metodologia da história oral. A história oral, enquanto metodologia de pesquisa surge em meados do século XX que consiste em realizar entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de determinados acontecimentos, movimentos ou conjunturas, seja ela do passado, ou do presente. (ALBERTI, 2005,)

O tipo de entrevista realizada é o que Antonio Carlos Gil assinalou como sendo entrevista formalizada (ou estruturada): em que se apresenta uma relação fixa de perguntas em que todos os entrevistados vão responder às mesmas perguntas. (1999) O questionário utilizado para as entrevistas encontra-se em anexo.

De acordo com orientações metodológicas de Paul Thompson, o lugar interfere no resultado das entrevistas, deve-se buscar o lugar em que os entrevistados sintam mais segurança em poder falar tudo aquilo que lhe é perguntado. (THOMPSON, 1998,) Em função disso, o ambiente que foi escolhido para a realização das entrevistas foi a própria casa das entrevistadas.

Foram selecionadas três pessoas que possuem envolvimento com o movimento. As entrevistas utilizaram uma metodologia que é denominada de entrevistas sequenciais, em que a primeira(o) entrevistada(o) indica a(o) próxima(o) e, assim, sucessivamente. A primeira entrevista foi realizada com a coordenadora

paroquial do movimento das capelinhas Antonia Bastos, que indicou Sonia Martin, que por sua vez, indicou Sonia Ramos.

Em um primeiro momento, as entrevistadas foram questionadas sobre como e quando conheceram o movimento das capelinhas. A coordenadora do movimento das capelinhas na paróquia São Paulo Apóstolo, contou que começou a receber a capelinha há mais de 50 anos “[...] eu me mudei pra cá, em 1967 já comecei a receber a capelinha, daí no ano seguinte, em 68, em comecei a ser mensageira e rodeava só o setor, depois, acho que em 70 daí eu já fui tesoureira do movimento [...]” (BASTOS, 2018, n.p.)

Tanto Sonia Martins, quanto Sonia Ramos, começaram a fazer parte do movimento a partir do momento em que se casaram. Sonia Martins, logo após seu casamento, foi convidada para ser coordenadora do movimento, sendo esse o seu primeiro trabalho na comunidade. As atribuições a ela designadas foram as mesmas que a atual coordenadora exerce no movimento.

Todas as entrevistadas recebem a visita da capelinha em seus lares, porém, há uma divergência da frequência em que a capelinha chega a elas. De acordo com o manual e, como já foi citado anteriormente, cada capelinha visita no máximo 30 famílias por mês, permanecendo 24 horas em cada casa. Com isso, subentende-se que a capelinha deva passar mensalmente na casa dos fiéis. Entretanto, no relato das entrevistadas, é perceptível que esta orientação básica não é seguida.

Sonia Martin afirmou que recebe mensalmente a capelinha, entre os dias 13 e 14. Já a coordenadora paroquial apontou que estas orientações não são muito respeitadas, ressaltando que a circulação das capelinhas na comunidade

[...] tá meio complicado as pessoas hoje em dia não levam à sério como antigamente né? Porque o certo é 24 horas em cada casa, mas não tá algum setor consegue, mas nem o meu aqui agora passei pra outra né mas não sei em qual casa ela vai ficar parada. (BASTOS, 2018, n.p.)

Em contrapartida às respostas obtidas por Sonia Martins e Antonia Bastos, está o relato de Sonia Ramos que a capelinha visita a sua residência trimestralmente, o que vai contra as diretrizes iniciais do movimento na questão da permanência.

Neste ponto, outra orientação que o livro traz, e que não está sendo cumprida dentro de algumas áreas da comunidade, é a de que deve-se, ao máximo, evitar

esquecimentos, pois, ao esquecer, o indivíduo estará, de certa forma, prejudicando os outros fiéis que estarão à espera da capelinha.

Quando questionadas acerca do significado das capelinhas para as entrevistadas, os relatos obtidos foram, em parte, semelhantes. Para Sonia Martin, a visita da capelinha significa que “[...] a mãe de Jesus está entrando na minha casa[...]: e com ela entra todas as bênçãos e graças[...]” (MARTIN, 2018, n.p.) O semelhante é para Sonia Ramos que afirma que, a capelinha significa “[...]proteção. Quando”” ela chega né ”” eu sempre faço uma oração e entendo que ela veio pra proteger e abençoar meu lar.” (RAMOS, 2018, n.p.)

O relato que foi obtido de Antonia Bastos abre um novo caminho para a discussão de uma diferenciação em relação as diretrizes do manual. Antonia Bastos comentou que “A capelinha pra mim ”” é como fosse a visita de Nossa Senhora pra mim ”” muitos falam idolatria mas não!” (BASTOS, 2018) Como apontado anteriormente, a diferenciação entre veneração e idolatria é tema do décimo capítulo do livro *Movimento das Capelinhas: diretrizes*.

Idolatria, em seu sentido lato, significa adoração a um ídolo. Na Bíblia, há muitas referências a este conceito e, normalmente, carregam consigo uma conotação negativa, uma veneração a falsos ídolos, chegando-se a afirmar que não se deve adorar outra figura senão Deus.

Um exemplo da condenação a qualquer outra forma de culto senão àquele destinado a Deus é citado no livro do movimento das capelinhas a partir do Bezerra de Ouro, história que descreveu o Êxodo dos hebreus

O povo de Israel, quando fabricou o bezerro de ouro, desejava viver com o mesmo espírito e liberdade dos povos que o circundavam. Estes povos, adorando ídolos, levavam vida promíscua e imoral. Abusavam do sexo e não levavam em consideração valores morais. Isto é que significava idolatria, e não só adorar imagem, mas sim, assumir costumes pagãos, vida fácil e libertina. Por isso, Deus proibiu qualquer espécie de imagem entre o povo eleito. Ele não queria que o povo se corrompesse. (MOVIMENTO, 2014, p39)

Já o conceito de veneração, significa o ato de reverenciar, ter grande admiração pelo outro. O relato de Antonia Bastos ilustra a maneira que este conceito é tratado na publicação

A imagem, para o católico, não tem o mesmo significado bíblico. É apenas uma doce lembrança de alguém que, na terra, um dia viveu de maneira

radical os valores do evangelho.[...] Maria, a mãe da Igreja, e todos os santos são essas doces lembranças. Testemunharam, em suas vidas, o seguimento de Jesus Cristo de maneira histórica. Eles não poderão ser esquecidos. Serão sempre nossos modelos, a luz de nosso caminho. (MOVIMENTO, 2014, p.39-40)

A coordenadora afirmou e reiterou os apontamentos realizados nas diretrizes oficiais, dizendo que “Eu não adoro (__) assim (__) o gesso, a capela né? Mas sim o que Nossa Senhora foi [...]” (BASTOS, 2018)

Na sequência das entrevistas, foi questionado às entrevistadas sobre o modo de proceder com as capelinhas. O livreto apresenta uma série de instruções sobre como utilizar corretamente a capelinha, porém, o que acontece na prática um pouco é diferente.

Sonia Martin afirmou que busca fazer o máximo para seguir estas instruções. No relato de Antonia Bastos, a coordenadora paroquial faz uma espécie de panorama sobre o seguimento dessas instruções atualmente. Seu relato indicou que “Antigamente a gente fazia tudo certinho. A pessoa levava a capelinha, fazia a oração da entrada, fazia a oração da despedida, e a outra família ia até a outra casa né? Mas hoje é muito raro acontecer isso.” (BASTOS, 2018, n.p.)

A partir dos dizeres de Sonia Ramos é possível identificar uma das hipóteses para as alterações nos procedimentos de permanência das capelinhas. A entrevistada afirma que Não. Eu não tive acesso a essas orientações “” apenas a que vêm tipo “” é “” colada na capelinha com algumas orientações.”(RAMOS, 2018, n.p.) A ausência das instruções e a falta de contato com as diretrizes faz com que haja muitas variações na questão da utilização das capelinhas, por exemplo: muitas capelinhas não apresentam nenhuma instrução de uso coladas na sua composição. Este é um caso.

No último momento da entrevista, foi deixado um tempo livre para as entrevistadas poderem se expressar sobre seus sentimentos acerca da capelinha.

Quando Antonia Bastos foi questionada se gostava de realizar a sua função dentro do movimento, a coordenadora relatou seu profundo contentamento

Adoro! Quando eu entrei pra cá “” quando me mudei pra cá em 67, me senti muito feliz por que logo em seguida “” naquele tempo, eu acho que eram duas capelinhas que nós tinha na vila inteira né? Então, as vezes ela demorava dois meses pra chegar até aqui (__) Era Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e depois foi aperfeiçoando né “” Até que conseguimos formar as 30 áreas “” então “” é muito legal (__)me sinto muito feliz “”

“você vê (__) eu vim pra cá em 67, em 68 já comecei a ser mensageira e até hoje não larguei do movimento” Faz 51 anos. (BASTOS, 2018, n.p.)

Sonia Ramos, também, se sente feliz em poder fazer parte do movimento. Em seu relato, Sonia disse que “Acho que é uma benção receber ela. E sempre quando ela chega (__) é “você dedica um tempo pra fazer oração (__) né” e eu sinto protegida e abençoada e é um prazer receber a capelinha sempre em meu lar.” (RAMOS, 2018, n.p.)

Por fim, Sonia Martins também compartilhou dessa satisfação e justifica

[...] porque sinto que a fé da gente vai sendo alimentada e ela precisa ser divulgada e a gente têm muitas provas que Nossa Senhora intercede por nós e nos acompanha durante a vida, então, por isso que eu acho sim importante que continue né que continue cada vez mais, e que as pessoas respeitem, e que as pessoas se dediquem, faça as orações e que Nossa Senhora está ai, para ser nossa Mãe a Mãe do céu. (MARTIN, 2018, n.p.)

Para finalizar vale, novamente, ressaltar que, o movimento das capelinhas é uma clara prática devocional popular. Ao abordar em seu artigo a materialidade da fé, Vera Irene Jurkevics realizou um apontamento que serve para discutir a questão da prática popular religiosa, bem como as festas religiosas estudadas pela pesquisadora, o movimento das capelinhas apresenta

[...] um intenso trânsito entre o sagrado e o profano, [...] do que a Igreja conceitua como religiosidade popular, uma vez que não são prescritas na liturgia, mas são celebradas, através dos ritos, objetivando o encontro dos homens com o mundo espiritual e sagrado. (2005, p.85)

As capelinhas, apesar de seu longo trânsito na história do Brasil, apresenta poucas alterações. Este movimento evidencia, também, um “[...] dinamismo próprio, mas sem abrir mão de sua principal essência: a fé genuína, espontânea e popular.” (JURKEVICS, 2005, p.86)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, a partir da contextualização da cidade de Curitiba, da Arquidiocese e da Paróquia, foi possível entender o contexto que favoreceu a disseminação das capelinhas. A partir dos debates historiográficos pode-se compreender a importância da religiosidade popular na dinâmica deste movimento, bem como situá-la no âmbito das pesquisas acadêmicas.

No segundo capítulo, procurou-se localizar o movimento das capelinhas a partir do manual do próprio movimento. Além disso, e, talvez o mais significativo, a partir das entrevistas, pode-se perceber, por meio dos depoimentos, que a capelinha traz um sentido aos fiéis, como: bênçãos e proteção.

Além de objetos de evangelização, as capelinhas servem objetos de aproximação entre pessoas. Nesse ponto, vem à tona o questionamento central desta pesquisa: de que forma visita das capelinhas auxilia na criação de laços interpessoais para a comunidade de fiéis na Paróquia São Paulo Apóstolo?

Para responder esse questionamento as entrevistas orais foram fundamentais no sentido de se dimensionar os sentimentos envolvidos. As três entrevistadas relataram que a capelinha, sim, aproxima a comunidade em termos de laços interpessoais.

Uma das formas dessa aproximação entre os fiéis pode ser compreendida a partir do relato de Sonia Martin, em que a entrevistada apontou que, a partir do movimento, diversos grupos para estudos da Bíblia e rezas do terço foram criados, os quais se reúnem em encontros semanais, ocasião de oração e debate de mensagens bíblicas, somente com a participação de fiéis.

Outra aproximação ocorre quando os fiéis vão entregar a capelinha para família seguinte. Na passagem da capelinha para outro domicílio, há sempre uma conversa entre os fiéis, e isso, segundo relatos de Sonia Ramos, aproxima muito a comunidade.

Também sobre esta questão, Sonia Martin ressaltou que o contato com o outro importante pois, é neste momento, que as pessoas conseguem externar seus sentimentos, criando, assim, laços de amizade e confiança com os outros fiéis.

Outra forma de aproximação acontece quando é realizada, mensalmente, a missa para os sócios vivos e falecidos das capelinhas. Neste momento, todos os

fiéis que participam do ato, se unem para venerar Maria e, conseqüentemente, as capelinhas.

As fontes utilizadas para este trabalho não foram de difícil acesso, pois são de circulação interna da Arquidiocese de Curitiba e da Paróquia São Paulo Apóstolo se encontrando, muitas delas, em arquivos privados. Por outro lado, as fontes orais, por excelência, desse trabalho sempre estavam dispostas a auxiliar a pesquisa, não sendo estas um empecilho para a realização deste trabalho.

As bibliografias que proporcionaram o entendimento sobre este movimento, bem como as demais discussões que permearam a mesma foram encontradas, quase em sua maioria, em sites acadêmicos. Muitos destes trabalhos tratam de temas relacionados às capelinhas, porém, quase nunca em específico sobre o tema. A dificuldade na procura de fontes e de bibliografia resultou em um trabalho mais minucioso nas pesquisas, reforçado o ofício do historiador, e que espera-se tenham substanciados o resultado final.

FONTES

BASTOS, Antonia Isolina Weigert. *Entrevista concedida a Luis Eduardo Alves Dias*. Curitiba, 2018.

MARTIN, Sonia Dorotea. *Entrevista concedida a Luis Eduardo Alves Dias*. Curitiba, 2018.

MOVIMENTO das Capelinhas. Diretrizes. Curitiba: Arquidiocese de Curitiba, 2014.

O CHAMADO. Informativo bimestral da Paróquia São Paulo Apóstolo. Curitiba: Paróquia São Paulo Apóstolo, ano 18, n.184, dez. 2017.

OMV, Pe. William. Jubileu da Paróquia São Paulo Apóstolo. In: *O Chamado*. Informativo Bimestral da Paróquia São Paulo Apóstolo. Curitiba: Paróquia São Paulo Apóstolo, ano 7, n.34, mai. 2003. p.01

RAMOS, Sonia Regina. *Entrevista concedida a Luis Eduardo Alves Dias*. Curitiba, 2018.

SETORIZAÇÃO das áreas da Paróquia São Paulo Apóstolo. Curitiba: [s. n.], [2016?]

WERONIG, Pe. Cláudio. O movimento das capelinhas. In: *O Chamado*. Informativo Bimestral da Paróquia São Paulo Apóstolo. Curitiba: Paróquia São Paulo Apóstolo, ano 11, n.75, abr. 2008. p.03

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: III ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA, 2016, Uberlândia. *Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016. p.1-9. ISSN: 2179-5665. Disponível em <<http://www.eventos.ufu.br>> Acesso em 16 abr. 2018.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1987.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério (orgs.) *Nova História em perspectiva*. v.1. São Paulo, Cosac Naify, 2011. p. 81-121.
- BUENO, Wilma de Lara. *Curitiba, uma cidade bem amanhecida: vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX*. Curitiba, 1996, 178f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <acervodigital.ufpr.br> Acesso em: 27 fev. 2018.
- CARRARA, Angelo Alves; SANTIRÓ, Ernest Sanches. Historiografia Econômica do Dízimo Agrário Ibero-América: Os casos do Brasil e Nova Espanha, século XVIII. *Estudos econômicos*, São Paulo, v.43, n.1, p.167-202, 2013. ISSN: 0101-4161 Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 17 mar. 2018.
- CASTELLO BRANCO, Maria Alice Honório Sanna. Oratórios em estilo D. José I: A arte e a fé nos objetos da vida privada produzidos em Minas Gerais no século XIX. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Florianópolis, 2015. *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 1-9. ISBN: 978-85-98711-14-0 Disponível em: <snh2015.anpuh.org> Acesso em: 01 mar. 2018.
- CERVO, Amado Luís. *Metodologia científica*. São Paulo: Pretice Hall, 2002.
- CIPOLINI, Pedro Carlos. A devoção mariana no Brasil. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v.40, n.1, jan.abr., p.36-43, 2010. ISSN: 1980-6736. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>> Acesso em: 15 mai. 2018.

DILLMANN, Mauro. Religiosidade popular católica no Brasil durante a vigência do Padroado. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v.12, nº 138, 2012. ISSN: 1519-6186. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br>> Acesso em 02 mar. 2018.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *Cartografias da Cultura e da Violência*. São Paulo: Editora AnnaBlume, 1998.

DOS SANTOS, Sandra Rodrigues. *Capelinhas: o círculo de devoção de Nossa Senhora*. Porto Alegre, 2014, 62f. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) – Departamento de Antropologia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br> Acesso em: 16 fev. 2018.

FERRERES, Juan Bautista. *Los oratorios y el altar altar portátil, según la vigente disciplina concordada com el novíssimo Sumario de oratorios concedidos en la Cruzada-comentario histórico –canonico-litúrgico*. 2.ed. Barcelona: Administración de Razón y Fé, 1916.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1992.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Igreja Católica Romana em Curitiba (PR): Estruturas da territorialidade sob o pluralismo religioso. *Revista Ra'e Ga*, Curitiba, n. 7. p. 95-110., 2003. ISSN: 2177-2738. Disponível em: <<http://www.faustogil.ggf.br>> Acesso em: 08 mar. 2018.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999

GINZBURG, Carlo, *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguidos pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

GUTIÉRREZ, Angela. *Museu do Oratório*. 3.ed. Belo Horizonte: Conceito, 2013.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos de casa e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Curitiba, 2004, 230f. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://www.poshistoria.ufpr.br>> Acesso em 24 abr. 2018.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. *Revista Ágora*, Vitória, n.7p. 1–20, 2008. ISSN: 1908-0096. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br>> Acesso em: 11 mar. 2018.

MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo na terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1986.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RESSINK, Maria Lins. Reflexividade Nativa: Quando a crença dialoga com a dúvida no período de finados. *Mana*, Rio de Janeiro v.16, n.1, p. 151-177, 2010. ISSN: 0104-9313 Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em 25 mai. 2018.

RODRIGUES, Henrique Estrada. Lévi-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.29, n.57, p.165-186, 2009. ISSN: 1806-9347. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 27 abr. 2018.

ROUSSO, Henry. A Memória não é mais o que era. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

RUSSO, Silveli Maria de Toledo. Celebrações domésticas: oratórios constituídos em altares de missa na São Paulo setecentista. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Leopoldo, 2007. *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*. São Leopoldo: ANPUH, 2007. ISBN: 978-85-60850-08-9 Disponível em <anais.anpuh.org/?p=13720> Acesso em 18 jan. 2018.

RUSSO, Silveli Maria de Toledo. *Conceituação* em torno de um artefato religioso. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Paulo, 2011. *Anais eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo: ANPUH, 2011. ISBN: 978-85-98711-08-9 Disponível em <<http://www.snh2011.anpuh.org>> Acesso em 27 fev. 2018.

SAEZ, Oscar Calavia. O que os santos podem fazer pela antropologia? *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro v.29, n.2, p.198-219, 2009. ISSN: 0100-8587. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em 27 mar. 2018.

SANTOS, Viviane da Silva. *Santo de casa faz milagre*: Desenho e representação dos oratórios populares domésticos em Feira de Santana. Feira de Santana, 2014, 119f. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Universidade Estadual de Feira de Santana. Disponível em: <<http://tede2.uefs.br>> Acesso em 27 jan. 2018.

SEGALLA, *et.al.* Sistema viário Paranaense: Passado e Presente. In: *Percurso: Curitiba em Turismo*, n.3, p. 107-123, 2004.

SUHET, Renato Rumulo dos Santos. *Fenomenologia da canonização*. Goiânia, 2014, 90f. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br>> Acesso em 18 mar. 2018.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

XAVIER, Antonio Roberto. *A importância da História Oral como fonte identitária de um povo*: um resgate da memória. Disponível em: <www.webartigos.com> Acesso em 09 jun. 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 – SETORIZAÇÃO DAS CAPELINHAS

Paróquia São Paulo Apóstolo – Uberaba – fone (41) 3276-1043

Rua Padre Júlio Saavedra, nº170
Pároco: Pe. Marcio Pinho – fone (41) 99228-3785

Movimento das Capelinhas

Coordenadora paroquial: Antonia Isolina Weigert Bastos, residente na Rua Clóvis Beviláqua Sobrinho, nº792/794 - Uberaba, fone (41) 3277-1480/ (41) 98777-9000. E-mail: antoniaweigert@gmail.com

Vice coordenadora: Rosa Maria Fagundes, residente na Rua dos Cocos, nº 195 – Uberaba, fone (41) 3359-2273

1ª secretária: Juvelina Foggiato, fone (41) 3276-5481

2ª secretária: Adélia Pikussa, fone (41) 3277-3730/ (41) 99611-5619

Tesoureira: Ilda Lipinski, fone (41) 3209-5347

Matriz

Área 01	Área 02	Área 03	Área 04	Área 05	Área 06
92	96	45	46	90	58
famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias

Área 07	Área 08	Área 09	Área 10	Área 19	Área 20	Área 21
60	51	88	86	69	81	90
famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias

Total: 952 famílias.

Capela Santo Estevão

Área 11	Área 12	Área 13	Área 14	Área 15	Área 16	Área 17	Área 18
20	106	75	120	91	81	56	79
famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias

Total: 628 famílias.

Capela Nossa Senhora Aparecida

Área 22	Área 23	Área 24	Área 25	Área 26	Área 27	Área 28	Área 29	Área 30
70	30	36	66	37	60	44	48	48
famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias	famílias

Total: 439 famílias.

Total Geral (Matriz e Capelas): 2019 famílias.

ANEXO 2- ENTREVISTA COM ANTONIA ISOLINA WEIGERT BASTOS

ENTREVISTA COM ANTONIA ISOLINA WEIGERT BASTOS REALIZADA EM CURITIBA/PR

Projeto: “OH, DEUS! SALVE O ORATÓRIO”: AS CAPELINHAS NA CONTRUÇÃO DE LAÇOS INTERPESSOAIS NA COMUNIDADE DE FIÉIS DA PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO.

Entrevistada: Antonia Isolina Weigert Bastos

Endereço: Rua Clóvis Bevilacqua Sobrinho, nº792

Telefone: (41) 3277-1480

Data: 03 de Maio de 2018.

Entrevistador: Luis Eduardo Alves Dias

Transcrição/Digitação: Luis Eduardo Alves Dias

Revisão: Luis Eduardo AlvEs Dias

Autorização: Cedida em 03 de Maio de 2018, em anexo.

LEGENDAS

L.E.A.D. – Luis Eduardo Alves Dias

A.I.W.B. – Antonia Isolina Weigert Bastos

(__) – Dúvida na reflexão

***** - Pausa para reflexão

L.E.A.D.: Qual a sua função dentro do movimento das capelinhas?

A.I.W.B.: Hoje eu sou Coordenadora paroquial.

L.E.A.D.: E o que a coordenadora paroquial desenvolve?

A.I.W.B.: A coordenadora paroquial ela abrange todo o movimento né; nós temos trinta áreas "" tá fraco, né? Mas temos trinta áreas. E então cada área de quatro áreas têm uma coordenadora (__) E eu sou coordenadora geral de todas elas.

L.E.A.D.: Como você foi apresentada/conheceu o movimento? Você sabe me dizer quando que você conheceu?

A: Olha "" quando eu me mudei pra cá, em 1967 já comecei a receber a capelinha, daí no ano seguinte, em 68, em comecei a ser mensageira e rodeava só o setor, depois, acho que em 70 daí eu já fui tesoureira do movimento que "" a capelinha ela têm uma caixinha que eles colocam dinheiro, esse é para as vocações "" Esse dinheiro, quando têm seminário na Paróquia o nosso temos (__) fica metade na paróquia (__) 45% pra paróquia, 45% pra diocese, pro Seminário maior né "" e daí 10% é para o arrumo de capelinha assim "" pra manutenção.

L.E.A.D.: A sua família recebe a capelinha? Com qual frequência ela chega até aqui?

A.I.W.B.: Olha "" As capelinhas tá meio complicado "" as pessoas hoje em dia não levam à sério como antigamente né? Porque o certo é 24 horas em cada casa, mas não tá "" algum setor consegue, mas nem o meu aqui "" agora passei pra outra né "" mas não sei em qual casa ela vai ficar parada. Então, acontece isso sabe? Mas a gente têm que ser perseverante, procurar e não parar.

L.E.A.D.: Qual o significado da capelinha para você e sua família?

A.I.W.B.: A capelinha pra mim "" é como fosse a visita de Nossa Senhora pra mim "" muitos falam idolatria mas não! Eu não adoro (__) assim (__) o gesso, a capela né? Mas sim o que Nossa Senhora foi né "" pra mim é (__) é como ela entrasse na minha casa. E a visita (__) justamente o sentido dela é isso, a gente recebe como se recebesse Maria "" Maria mesmo "" a mãe de Jesus.

L.E.A.D.: No livro das diretrizes têm um passo a passo de como deve ocorrer a visita da capelinha

A.I.W.B.: Isso, isso! Antigamente a gente fazia tudo certinho. A pessoa levava a capelinha, fazia a oração da entrada, fazia a razão da despedida, e a outra família ia até a outra casa né? Mas hoje é muito raro acontecer isso.

L.E.A.D.: Nos dias em que a capelinha está na casa da senhora você percebe que a sua rotina muda?

A.I.W.B.: Não. Ela segue a mesma rotina.

L.E.A.D.: Você acha que a capelinha consegue aproximar a comunidade?

A.I.W.B.: Consegue!

L.E.A.D.: Em que maneira?

A.I.W.B.: Com uma boa coordenadora assim (__) que acompanha né "" consegue.

L.E.A.D.: E no contato entre as famílias?

A.I.W.B.: Nos contatos (__) A coordenadora faz um terço nas famílias né "" antigamente nós fazíamos toda semana mas hoje como têm muitas atividades nós fazemos ao menos uma vez por mês "" nós fazemos a novena de natalinas casas né (__) a novena, por exemplo, aqui era o padroeiro que o Padre batizou meu setor era São Judas Tadeu, então todo mês de Outubro a gente fazia nove novenas de São Judas. Aqui na frente que era São José (__) de São José "" Então, só que agora está raro isso de acontecer. eu aqui, ainda continuo né a fazer a de São José e a de São Judas Tadeu. Todo ano a gente faz. Faz 45 anos que faço essas novenas.

L.E.A.D.: Por ultimo, gostaria de deixar livre para senhora fazer alguns apontamentos sobre a capelinha "" se a senhora gosta do trabalho que realiza ""

A.I.W.B.: Adoro! Quando eu entrei pra cá "" quando me mudei pra cá em 67, me senti muito feliz por que logo em seguida "" naquele tempo, eu acho que eram duas capelinhas que nós tinha na vila inteira né? Então, as vezes ela demorava dois meses pra chegar até aqui (__) Era Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e depois

foi aperfeiçoando né "" Até que conseguimos formar as 30 áreas "" então "" é muito legal (__)me sinto muito feliz "" você vê (__) eu vim pra cá em 67, em 68 já comecei a ser mensageira e até hoje não larguei do movimento "" Faz 51 anos.

ANEXO 3 – ENTREVISTA COM SONIA DOROTEA MARTIN

ENTREVISTA COM SONIA DOROTEA MARTIN REALIZADA EM CURITIBA/PR

Projeto: “OH, DEUS! SALVE O ORATÓRIO”: AS CAPELINHAS NA CONTRUÇÃO DE LAÇOS INTERPESSOAIS NA COMUNIDADE DE FIÉIS DA PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO.

Entrevistada: Sonia Dorotea Martin

Endereço: Rua Clóvis Bevilacqua Sobrinho, nº 284

Telefone: (41) 3276-2593

Data: 03 de Maio de 2018.

Entrevistador: Luis Eduardo Alves Dias

Transcrição/Digitação: Luis Eduardo Alves Dias

Revisão: Luis Eduardo Alves Dias

Autorização: Cedida em 03 de Maio de 2018, em anexo.

LEGENDAS

L.E.A.D. – Luis Eduardo Alves Dias

S.D.M. – Sonia Dorotea Martin

(__) - Dúvida na reflexão

..... - Pausa para reflexão

L.E.A.D.: Sonia "" como e quando você foi apresentada ou você conheceu o movimento das capelinhas?

S.D.M.: O movimento das capelinhas eu conheci já na "" quando eu casei e o meu marido era Congregado Mariano e muito devoto de Nossa Senhora né? E eu também fui convidada para ser coordenadora de capelinha, então foi o meu primeiro trabalho na comunidade, depois de casada. Então daí que eu conheci "" o movimento.

L.E.A.D.: A sua família recebe a visita da capelinha?

S.D.M.: Recebe! aham.

L: Com qual frequência? Mensalmente?

S.D.M.: É todo mês.

L.E.A.D.:Qual dia a senhora recebe? A senhora sabe?

S.D.M.: Então "" é dia 13 (__) ou 14 (__) fica entre (__) parece mais que é no dia 14, mas as vezes vêm um dia antes, um dia depois, né?

L.E.A.D.: E qual o significado da capelinha para você e para sua família?

S.D.M.: Bom "" pra mim significa que a mãe de Jesus está entrando na minha casa.

L.E.A.D.: Uhum

S.D.M.: e com ela entra todas as bênçãos e graças né "" que ela é intercessora é (__) eu (__) pode ver que eu tenho vários quadros da Nossa Senhora e "" então (__) eu tenho essa devoção, junto com meu marido né, e com nossa família toda.

L.E.A.D.: O movimento ele têm um livro "" o livro das diretrizes das capelinhas.

S.D.M.: Uhum, sim!

L.E.A.D.: E ele traz algumas orientações na questão do uso da capelinha. Vocês seguem estas orientações ou vocês têm um próprio ritual?

S.D.M.: Olha "" acontece o seguinte "" a gente sim, sempre reza o terço, fazemos aquela oração inicial, aquela que têm na (__) capa da capelinha "" na porta (__) então a gente faz aquela oração, o terço eu faço quando têm alguém que está por perto eu convido e me acompanha né? Então a gente sempre procura fazer isso, além da reza do terço diário né "" Agora, com relação a que horário que a gente entrega, deveria ser às seis da tarde, que é o horário da (__) né (__) o mais indicado, mas nem sempre isso é possível porque as pessoas trabalham, a vida hoje, moderna, exige novas atitudes e, mesmo como Jesus disse "" A gente precisa ver, julgar e agir. Então, vemos a situação, julgamos o uso da palavra de Deus "" não está se respeitando, está se tendo devoção de Nossa Senhora é o mais importante né? E se não é possível seguir naquele horário a gente faz conforme a possibilidade, mas não deixa de ter a devoção de fazer com que ela caminhe né "" pelas casas.

L.E.A.D.: Você acha que a capelinha, de alguma forma, aproxima a comunidade da Paróquia?

S.D.M.: Aproxima! Aproxima porque eu sei que têm muitos grupos de (__) terço "" nessa paróquia, se você for perguntar pra Dona Antonia vai ter muitos "" muitas coordenadora reúnem pra fazer o terço na terça ou na segunda sempre a tarde ou a noite e, inclusive, também, é "" a noite têm grupos que rezam, então ele ele consegue sim unir (__) é muito bom!

L.E.A.D.: E aproxima também na questão do contato "" de você levar a capelinha pro outro

S.D.M.: Sim! Também. As pessoas elas conseguem externar seus sentimentos. Eu tenho uma vizinha que quando ela entregava pra mim "" agora eu que entrego pra ela né "" ela sempre vinha com uma rosa. Ela vinha entregar a capelinha e dava uma flor para mim, então isso é lindo né? E a gente teve aquela amizade de tantos anos, já mais de cinquenta anos, e "" então o que nos faz a gente ficar mais próximos, uns dos outros, é a capelinha "" Ela nos une.

L.E.A.D.: Nós temos um tempo livre "" você gostaria de falar algo sobre a capelinha, seus sentimentos, se você gosta de recebê-la

S.D.M.: Ah, eu gosto né eu gosto porque sinto que a fé da gente vai sendo alimentada e ela precisa ser divulgada e a gente têm muitas provas que Nossa Senhora intercede por nós e nos acompanha durante a vida, então, por isso que eu acho sim importante que continue né que continue cada vez mais, e que as pessoas respeitem, e que as pessoas se dediquem, faça as orações e que Nossa Senhora está ai, para ser nossa Mãe a Mãe do céu.

ANEXO 4 – ENTREVISTA COM SONIA REGINA RAMOS

ENTREVISTA COM SONIA REGINA RAMOS REALIZADA EM CURITIBA/PR

Projeto: “OH, DEUS! SALVE O ORATÓRIO”: AS CAPELINHAS NA CONTRUÇÃO DE LAÇOS INTERPESSOAIS NA COMUNIDADE DE FIÉIS DA PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO.

Entrevistada: Sonia Regina Ramos

Endereço: Rua Cocos, nº 204

Telefone: (41) 99918-5278

Data: 03 de Maio de 2018.

Entrevistador: Luis Eduardo Alves Dias

Transcrição/Digitação: Luis Eduardo Alves Dias

Revisão: Luis Eduardo Alves Dias

Autorização: Cedida em 03 de Maio de 2018, em anexo.

LEGENDAS

L.E.A.D. – Luis Eduardo Alves Dias

S.R.R.. – Sonia Regina Ramos

(__) – Dúvida na reflexão

..... - Pausa para reflexão

L.E.A.D.: Como e quando você foi apresentada ou conheceu o movimento das capelinhas?

S.R.R.: Desde criança eu já conhecia a visita das capelinhas nas casas né "" E daí "" quando eu casei eu comecei a receber a capelinha na minha casa mesmo.

L.E.A.D.: A sua família recebe a visita da capelinha? Com qual frequência?

S.R.R.: Sim. eu recebo "" mas é uma frequência que acredito que seja "" trimestral "" que ela vêm na minha casa.

L.E.A.D.: E qual o significado da capelinha para você e sua família?

S.R.R.: Para mim, é proteção. Quando "" ela chega né "" eu sempre faço uma oração e entendo que ela veio pra proteger e abençoar meu lar.

L.E.A.D.: Nos dias em que a capelinha chega até sua casa, ela muda a rotina da casa de alguma forma?

S.R.R.: Não. Ela não muda a rotina né (_) mas é (_) sempre "" você sente a presença dela, quando você passa por ela, você sente "" uma energia boa.

L.E.A.D.: Existe um livro chamado Movimento das capelinhas diretrizes que nele têm algumas orientações de uso para a capelinha, uma espécie de passo a passo. Você segue estas orientações?

S.R.R.: Não. Eu não tive acesso a essas orientações "" apenas a que vêm tipo "" é "" colada na capelinha com algumas orientações. Só isso.

L.E.A.D.: De alguma forma você acredita que a capelinha aproxima a comunidade? Em que maneira?

S.R.R.: Sim! Com certeza! Até "" a questão de que você "" no dia que você pega a capelinha e vai entregar para o próximo vizinho você sempre têm um contato, uma conversa, e isso aproxima a comunidade né "" As pessoas da rua, que recebem a capelinha..

L.E.A.D.: Nós temos um tempo livre, você gostaria de fazer algum apontamento sobre as capelinhas? Você gosta de recebê-la?

SR: Gosto "" Acho que é uma benção receber ela. E sempre quando ela chega (__) é "" você dedica um tempo pra fazer oração (__) né "" e eu sinto protegida e abençoada e é um prazer receber a capelinha sempre em meu lar.

ANEXO 5 – AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR ANTONIA ISOLINA WEIGERT BASTOS

AUTORIZAÇÃO

Eu, Antonia Isolina Weigert Bastos, portador do RG 12231474 Residente à Rua Corín B. Subrinis, Nº 192, Fone 32774480, autorizo o Centro de Referência Documental (CRDOC), do Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Tuiuti do Paraná a utilizar a entrevista concedida por mim ao/a pesquisador/a Luís Eduardo Alves Dias, no dia 03 de Maio de 2018, para fins de pesquisa e futuras publicações.

Antonia Isolina Weigert Bastos
Nome do cedente

Curitiba, 03 de Maio de 2018.

ANEXO 6 – AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR SONIA DOROTEA MARTIN

AUTORIZAÇÃO

Eu, Sonia Dorotea Martin, portador do RG 1455914 Residente à Rua Clevis Benvilacqua, N° 284, Fone 32762593, autorizo o Centro de Referência Documental (CRDOC), do Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Tuiuti do Paraná a utilizar a entrevista concedida por mim ao/a pesquisador/a Luiz Eduardo Alves Dias, no dia 03 de maio de 2018, para fins de pesquisa e futuras publicações.

Sonia Dorotea Martin

Nome do cedente

Curitiba, 03 de maio de 2018.

ANEXO 7 – AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR SONIA RAMOS ENING

AUTORIZAÇÃO

Eu, Sônia Regina Ramos, portador do RG 3015262-1 Residente à Rua Cocós, Nº 204, Fone 99918-5248, autorizo o Centro de Referência Documental (CRDOC), do Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Tuiuti do Paraná a utilizar a entrevista concedida por mim ao/a pesquisador/a Rui Eduardo Alves Dias, no dia 03 de maio de 2018, para fins de pesquisa e futuras publicações.

Sônia Regina Ramos

Nome do cedente

Curitiba, 03 de maio de 2018.

ANEXO 8 – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS



Universidade Tuiuti do Paraná

Credenciada por Decreto Presidencial de 7 de julho de 1997 – D.O.U. nº 128, de 8 de julho de 1997, Seção 1, página 14295.

AUTORIZAÇÃO

Eu, Antonia Isolina Wugert Bastos, portador do RG 1223.177-4 Residente à Rua Cláudio B. Sobrinho, Nº 192, Fone 32771450, autorizo o autorizo o Centro de Referência Documental (CRDOC), do Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Tuiuti do Paraná a utilizar a utilizar as imagens cedidas por mim ao/a pesquisador/a Dr. Eduardo Alves Dias, no dia 03 de Maio de 2018, para fins de pesquisa e futuras publicações.

Antonia Isolina Wugert Bastos

Curitiba, 03 de Maio de 2018.